

















## Nas raias do atletismo

Em julho de 2014, numa das salas da Universidade de Cleveland (Estados Unidos), Rob Lucas lançava um documentário para uma plateia curiosa de amantes do esporte e acadêmicos. *Stella Walsh – a documentary* trazia a história e a trajetória de uma importante campeã da prova feminina dos 100 metros rasos, nos longínquos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932.

Mas não era apenas isso: seu assassinato, em 1980, promove uma reviravolta na história olímpica oficial e muda também a própria percepção dos moradores da cidade de Cleveland sobre sua honorária e famosa cidadã-atleta. O crime banal conduziu seu corpo para uma autópsia e, de lá para o questionamento sobre seus méritos esportivos – títulos, medalhas e records.

Stella, ainda Stanislawa, nasceu no início do século XX e emigrou ~~EUROPA~~ Polônia para os Estados Unidos com a família ainda pequena. Fixaram-se em Cleveland, Ohio, e tocaram a vida. A jovem polaca destacou-se logo no atletismo escolar, causando empolgação quando corria. Como a cidadania estadunidense tardava, foi inscrita pela terra natal nos X Jogos Olímpicos de Los Angeles e sua participação não garantiu apenas a medalha de ouro, como também uma quebra de recorde, fixando seus 11s9 na prova feminina<sup>3</sup>.

Enquanto na Polônia se tornou heroína, nos EUA, a União Atlética Amadora (UAA) já cogitava agregar a atleta ao seu quadro para treinamentos e competições futuras. No documentário de Lucas, ela própria narra suas conquistas, tanto na América do Norte, quanto em solo europeu, com várias premiações em múltiplos campeonatos, realizados no decorrer dos anos 1930. Ela chegou nos Jogos de Berlim 1936 como a preferida ao posto de bicampeã dos 100 metros, que seria um feito excepcional em um momento em que o esporte feminino estava em ascensão em todo o planeta (DEVIDE, 2005).

Nos jogos nazistas, no entanto, Stella competiu com Helen Stephens, uma jovem estadunidense que era considerada um raio, devido à sua velocidade impressionante. Ao ser vencida, desferiu sua mágoa dizendo que *"somente um homem ganharia dela"*. Rumores ecoaram e a comissão técnica da Polônia fez com que chegassem aos organizadores do torneio, o que provocou a criação de uma junta de médicos para executar exames físicos e táteis em Stephens. Helen não hesitou e se deixou inspecionar para provar que era uma *"legítima mulher"* (OFFUTT, 2014). Apesar da suspeita, e mediante prova irrefutável após exame, a estadunidense manteve seu resultado e suas medalhas.

Com a situação política instável na Europa e na Polônia no final dos anos 1930 e a eclosão da II Guerra Mundial logo em seguida, Stanislawa decide, então, em 1947, aceitar a cidadania americana e casa-se com o lutador de boxe Neil Olson – do qual se separa alguns anos mais tarde. Stella Walsh, como ficou conhecida nos EUA, engaja-se na carreira de técnica e ajuda, inclusive, jovens imigrantes poloneses a praticarem atletismo (CAMARGO, 2017a, s/p).

BRBEBQWDBBBSBDBWDBEPQGBQVBRQDVBMSBHEXODSBVMBREDBVSBMBBMMDS





O latrocínio que vitimou Stella no estacionamento de um supermercado, em 1980, mudou seu *status* para cidadãos de Cleveland e ameaçou toda sua carreira esportiva. A autópsia acusara Stella de ter órgão genital masculino atrofiado (com pênis hipoplásico e testículos pouco desenvolvidos), apesar de características fisiológicas de mulher. Uma investigação bioquímica identificou o corpo dela contendo pares simultâneos de cromossomos XX e XY, que definem fêmeas e machos da espécie. Stella apresentava um quadro conhecido como mosaicismo.

Os desdobramentos disso mostraram um caso insólito no esporte, de uma controvérsia sobre o sexo biológico e a expressão de gênero de uma atleta já morta. Depois de muita polêmica local/nacional e de protestos por parte de antigas atletas, que se sentiram lesadas, os órgãos de controle do esporte decidiram manter resultados e medalhas de Stella. De uma visibilidade notória, Stella passa a um estado de quase invisibilização (inclusive nos registros oficiais), devido à identificação de uma dissonância de gênero.

Stella viveu como mulher cisgênero a vida toda, para, a partir de um episódio isolado, tornar-se uma pessoa com variação intersexo<sup>4</sup>.

## Nos gramados de futebol

Em fins de outubro de 2021, a imprensa esportiva mundial fez alarde, ao receber a declaração de Joshua Cavallo, jogador de futebol australiano do Adelaide United, de que ele se reconhece como homossexual (NAYA, 2021). No vídeo de 2'50", postado em seu perfil do Instagram, disse "sempre se sentir envergonhado por ser gay", que "está cansado de atuar segundo expectativas dos outros" e que deseja "jogar futebol profissionalmente e ser tratado igualmente perante todos". A partir deste posicionamento, Josh, como é mais conhecido, se coloca como o primeiro futebolista de uma divisão de elite, ainda em atividade, a assumir uma orientação não heterossexual. Outros jogadores que fizeram algo semelhante, anunciaram publicamente e, imediatamente, se aposentaram, como em casos como o do alemão Thomas Hitzlsperger e o do estadunidense Robbie Rogers, procedimento muito comum, segundo literatura sobre o tema<sup>5</sup>.

Histórias de atletas homossexuais no esporte quase nunca têm desfechos felizes. Além do anúncio vir junto a uma aposentadoria obrigatória, em geral é um momento difícil para os atletas, pois já não se encontram em plena forma física, já não apresentam resultados compatíveis com seus áureos tempos ou sofrem psiquicamente há anos, devido à orientação sexual. Nesse sentido, um enredo triste é o de Justin Fashanu, inglês que, no fim dos anos 1990, se suicidou, depois de um escândalo, envolvendo sua sexualidade.

4 Segundo Pires (2018, p. 557), pessoas intersexo são aquelas que apresentam "características sexuais atípicas" ou são considerados "sujeitos que destoam dos ideais sexuais e das normas generificadas".

5 Anderson (2005) traz ainda outras considerações sobre este ponto e explica que atletas ativos que "saem do armário" apresentam alta *performance* em seus esportes e detêm grande capital masculino. Caso contrário, será mais fácil achar atletas fora do *closet* em clubes e ligas mais amadoras.



Fashanu nasceu no início dos anos 1960, na Inglaterra, filhos de imigrantes, que logo foi dado a adoção junto com o irmão. Adotados, então, por um casal branco da cidade de Norfolk, ambos cresceram como únicos negros da pacata localidade. Sua carreira futebolística foi catapultada a partir da *performance* espetacular no jogo entre o *Norwich City* (time local) e o famoso *Liverpool*, em 1980. No ano seguinte, Fashanu torna-se o primeiro negro da história do futebol transferido por um milhão de libras esterlinas para o *Nottingham Forest*.

Apesar de ter se transformado na sensação do momento, teve uma carreira curta e irregular. O único clube de futebol em que se destacou foi o *Norwich*, no qual jogou em 90 partidas e marcou 35 gols (dos anos de 1978 a 1981). Depois disso, passou por times na Austrália, no Canadá e mesmo nos EUA.

O *turning point* em sua vida profissional adveio de uma entrevista para o jornal sensacionalista *The Sun*, nos anos 1990, na qual assumiu ser *gay* e manter relações homoeróticas e afetivas com outros homens. O momento não era favorável a revelações bombásticas como essa e Fashanu viu sua vida familiar (particularmente, o relacionamento com o irmão) e profissional degrading depois disso. O estigma da AIDS em vigor na época sobre homossexuais declarados marcou-o profundamente, o que causou um périplo por equipes pouco importantes e contratos baratos.

O viril mundo do futebol profissional não aceitou (como não aceita hoje em dia) a “saída do armário” da sexualidade de Justin Fashanu. De acordo com Pronger (1990), o medo atrelado à homossexualidade, num ambiente tão viril e machista como o esporte/futebol, não apenas produz todo tipo de julgamento e discriminação entre praticantes, como dispara ataques homofóbicos, que, em geral, se colocam como “preventivos” por parte de uma heterossexualidade temerária.

Não bastasse ter sido soterrado por uma onda de calúnias sobre sua sexualidade que o jogou para as sombras da modalidade esportiva mais praticada no planeta, Fashanu foi acusado de estupro de menor de idade, um adolescente de 17 anos, na época em que jogou no Atlanta Ruckus, dos EUA. Por não suportar a pressão desse evento disparador, o atleta se suicidou por enforcamento.

O que Justin Fashanu teve coragem de fazer está além de uma tentativa de se colocar debaixo dos holofotes para justificar a péssima campanha. Ele assumiu uma sexualidade não heteronormativa, em um momento em que pouco se discutia isso nos espaços esportivos – poucos haviam feito isso, até então. Como explico em outro momento:

Trazer a homossexualidade para o esporte é, em primeiro lugar, colocar a dúvida sobre a hegemonia da heterossexualidade em voga no mundo esportivo, que legitima corpos, atitudes e comportamentos. Além disso, colocar-se como sujeito desejante fora da heteronorma (alinhado com quaisquer outras estéticas sexuais) ressalta que não apenas corpos como igualmente as práticas de prazer precisam ser repensados e reconsiderados para outros referenciais que não os aceitos socialmente (CAMARGO, 2017b).

CONTRAPONTO



## Nas piscinas da natação e de saltos ornamentais

Em 2008, quando desembarquei em Pequim, China, para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos daquele ano, nos bastidores dos escândalos relacionados a atletas só se falava em Matthew Mitcham, o saltador australiano que havia assumido sua homossexualidade, publicamente, alguns meses antes, numa entrevista para o jornal *The Sydney Morning Herald*. Segundo o jornal, tendo sofrido estafa de treinamentos e desenvolvido uma depressão, Mitcham tinha, não apenas a coragem para pular da plataforma de dez metros numa piscina, como para declarar-se *gay* e enfrentar as consequências do preconceituoso mundo dos esportes (*THE SUNDAY*, 2008).

Mitcham era um dos favoritos para a prova de dez metros, no salto da plataforma, e conquistou a medalha de ouro. O atleta talvez tenha inaugurado uma era em que atletas ou não se submetem ao “armário da sexualidade”, ou ficam pouco tempo dentro dele, uma situação bem distinta de outro saltador, também autodeclarado *gay*, que se encontrava no auge esportivo quando Mitcham nascia.

O caso emblemático dos Jogos de Seul-1988 é o de Greg Louganis, saltador estadunidense de plataformas e trampolins. Ele teria sido diagnosticado com HIV poucos meses antes daquele certame olímpico e manteve tal fato em segredo. Apesar disso, teve que começar a tomar o AZT, uma droga disponível na época para combater tal enfermidade.

Durante as competições classificatórias de saltos ornamentais daqueles Jogos, Louganis bateu forte com a cabeça na borda do trampolim. Com a queda na piscina, uma mancha de sangue tingiu o azul da água e o deixou apavorado. A imagem da queda foi eternizada pelas redes televisivas de transmissão esportiva. O atleta sofreu uma concussão e, mesmo assim, se manteve na competição. Em meio a lágrimas e ao desespero, não conseguiu contar que era portador do HIV, nem para o médico que suturou o corte em sua cabeça, nem para o comitê organizador dos Jogos. O estigma relacionado à AIDS enquanto doença (chamada de “peste *gay*”), que pouco era conhecida naqueles tempos, aterrorizava o saltador.

Louganis possuía marcas expressivas em Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais e Pan-americanos. Excetuando-se a medalha de prata que ganhou em Montreal-76 na plataforma de dez metros, seus demais resultados foram sempre medalhas de ouro, tanto no trampolim de três metros, quanto na plataforma de dez metros. Ele foi o único saltador ornamental a ganhar ouro nessas provas em dois Jogos Olímpicos consecutivos (Los Angeles – 1984 e Seul – 1988). Apesar do sucesso esportivo, o atleta vivia com uma culpa interna pela vida clandestina fora da heterossexualidade e por viver seus desejos no “armário da sexualidade”<sup>6</sup>.

O *coming out* (saída do armário) público veio apenas nos anos 1990. Apesar de já viver um “estilo de vida *gay*” (como se dizia naqueles tempos), oficialmente gravou uma mensagem

<sup>6</sup> Uma longa discussão sobre o “armário da sexualidade” no campo esportivo está em Camargo (2018a). Não cabe reproduzi-la aqui, mas é importante a salvaguarda de Segdwick (2007): mais do que um fenômeno isolado, o “armário” é um regime de controle da sexualidade no Ocidente e participa de uma epistemologia opressora e produtora incansável da Cultura e da História.





para a abertura dos *Gay Games*, em Nova Iorque, em 1984, na qual declarou, publicamente e pela primeira vez, que mantinha relações homoeróticas e homoafetivas com outros homens. No ano seguinte, lançou sua autobiografia (LOUGANIS; MARCUS, 1995), na qual recontou todos os dramas de sua trajetória pessoal de atleta, inclusive dos abusos que sofreu, da contaminação pelo HIV e da soropositividade. Muito se debateu, na época, e particularmente nos EUA, sobre se os atletas deveriam se pronunciar sobre serem portadores do vírus ou detentores da doença, ou ainda se deveriam ser liberados para competir.

## Notas conclusivas sobre visibilidades/invisibilidades esportivas

As narrativas destacadas tiveram como propósitos mostrar que há problematizações trazidas por corpos e sexualidades no campo esportivo, que, muitas vezes, ficam sobrepostas ou encobertas pela história oficial dos fatos, os quais são orientados notadamente por discursos e lógicas cis-heteronormativas. Em todos os casos mencionados, houve elementos disparadores, a partir dos quais uma dada situação pessoal apareceu, mudando o registro de determinado atleta, junto ao grande público e, até mesmo, perante as entidades de controle do esporte.

Seja por meio de uma autópsia, um suicídio ou um acidente, os acontecimentos acabam sendo marcadores de uma nova condição assumida: de mulher cisgênero, Stella Walsh se torna pessoa com variação de intersexualidade; de homem cisgênero heterossexual, Justin Fashanu passa a ser reconhecido como futebolista *gay* e, por isso, é perseguido; e o caso de Greg Louganis é similar ao de Fashanu, porém em sua situação, ao invés da perseguição social, houve o estigma de ser portador de HIV.

A partir de uma análise das variáveis 'gênero', 'sexualidade' e 'nível de *performance*' conclui-se que o próprio sistema se encarrega de estabelecer as anormalidades corporais/sexuais e manter as invisibilidades esportivas para a manutenção do *status quo*. Se Stella Walsh era *the greatest women of all time* (a maior mulher de todos os tempos) em referência a seus feitos e recordes, a partir da condição adquirida da intersexualidade passa a ser *the mosaism case* (o caso de mosaicismo) e a ser o problema com o qual o Comitê Olímpico dos Estados Unidos (e, por conseguinte, o Comitê Olímpico Internacional) não querem lidar – particularmente numa época em que as questões intersexo ainda estavam fortemente marcadas por indicadores de desordem mental (LEITE JR., 2011). Algo semelhante também acontece com Louganis, nos anos em que a discriminação contra portadores do vírus HIV era grande e os órgãos esportivos não queriam e não sabiam lidar com a doença e os meios de infecção.

O caso de Stella Walsh e de outros atletas que tiveram uma exposição à opinião pública sobre seus gêneros/sexos e orientações sexuais mostra que, de um lado, há uma prerrogativa instituída no esporte sobre a obrigatoriedade de uma coerência entre corpo biológico (sexo/genitália), gênero (representação social) e desejo (atração orientada ao "sexo oposto"), elementos que devem executar uma heterossexualidade compulsória (RICH, 1999). E, de outro



lado, tais questões sugerem acatar e exigir que modelos de masculinidade e feminilidade sejam devidamente executados e respeitados – independentemente se tais modelos funcionem como ficções inatingíveis.

O argumento baseado na “igualdade de chances” no esporte faz com que existam apenas as categorias masculina e feminina como possibilidade de encaixe de corpos. Aqueles fora do binarismo de gênero instituído são excluídos do processo. Se, na história recente do esporte, durante o século XX, vê-se todo tipo de manobra para driblar dissonâncias sexuais e de gênero (como inspeção física/genital em mulheres, testes de verificação de gênero ou de feminilidade, testes cromossômicos, *antidopagem*, casamentos heterossexuais arranjados, entre outros), isso fica cada dia mais difícil. Atualmente, a situação de pessoas *trans* (como Laurel Hubbard) e das que apresentam alguma variação intersexo (como Caster Semenya, Duty Chamd, além de outras africanas, como Christine Mboma e Beatrice Masilingi) mostram que, tanto a transgeneridade como identidade, quanto a intersexualidade (e variações) como condições irreduzíveis, apesar de incomodarem bastante o sistema esportivo, se farão cada vez mais presentes num futuro próximo.

A proposta deste ensaio foi trazer casos de atletas que apareceram na história oficial do esporte no século XX, a fim de compreender problemáticas que envolvem corpos, gênero (sexualidade e orientações): no caso de Stella Walsh, a condição dissonante de gênero e, portanto, não visibilizadas durante sua trajetória esportiva, apagou a presença de um corpo intersexo nos registros oficiais do atletismo olímpico. O assassinato, por sua vez, funcionou como um marco de visibilidade que, ao deflagrar o crime contra uma mulher cisgênero, mostrou a história de uma atleta com variação intersexo. O acontecimento em si desnudou uma nova condição, que acabou mostrando um não-lugar daquele corpo, então abjeto e não classificável.

Por outro lado, a trajetória de Justin Fashanu demonstra que sexualidades dissidentes são mais invisibilizadas nas modalidades de maior apelo popular e midiático, como no futebol de campo. Aliás, não apenas Fashanu, mas em exemplos de outros atletas do futebol, assim, também, se passam. E o contrário, igualmente, é verdadeiro: ou seja, em modalidades de menor apelo popular e menos midiáticas, dissonâncias podem aparecer, porque continuam invisíveis, como no caso do esqui estilo livre, modalidade de Gus Wentworth (modelo de beleza ímpar que faz propagandas de roupas íntimas e esportivas nas horas vagas), o qual “saiu do armário” nos Jogos Olímpicos de Inverno, em Pyeongchang, em 2018<sup>7</sup>.

A última dimensão alcançada pelo episódio anteriormente narrado, acerca do atleta Greg Louganis, esclarece que o nível de *performance* esportiva contribui para manter os “casos de exceção” escondidos: isto é, quanto melhor a *performance*, mais um corpo tende a ser normalizado dentro dos parâmetros heteronormativos. A excepcionalidade do medalhista olímpico Louganis nas plataformas de dez metros dos saltos ornamentais jamais o colocaria

<sup>7</sup> Esse atleta foi protagonista de um beijo olímpico em seu namorado que, após as manifestações observadas nos Jogos Olímpicos do Rio-2016, foi tido como uma rara surpresa, a qual ninguém esperava, mas que logo foi esquecida – afinal, quem se lembra dos Jogos Olímpicos de Inverno? (CAMARGO, 2018b).



como suspeito de dissidência de gênero, muito menos na condição de homossexual ou portador de HIV. Ao contrário, quanto menor a *performance*, mais um corpo tende a ser exposto e a ele pouca importância é dada – exemplos de atletas de divisões amadoras, inferiores, sem muita expressão apresentam maior facilidade para falarem sobre suas sexualidades não normativas, porque estão fora do *spotlight* midiático. Anderson (2005) conclui isso entre os atletas que pesquisou.

À semelhança do que Foucault (1985) postularia, a partir de discursos de poder (frequentemente investidos na área médica, mas não somente), o “corpo esportivo ideal” é moldado, produzido, replicado, desejado – pelas pessoas, entidades do esporte e meios de comunicação –, e as normativas são estabelecidas para determinar o que é, ou não, permitido nos espaços do esporte, legitimando ações e situações, deslegitimando outras.

A polêmica instalada sobre corpos e sexualidades não normativas no esporte tem duplo sentido: de um lado, as expectativas cis-heteronormativas da sociedade sobre tais corpos e, de outro, as demandas por uma performance de gênero. Do ponto de vista cisnormativo, a cisgeneridade figura como padrão não questionado (afinal, desde mesmo antes do nascimento de suas crianças, pais e mães já são inqueridos a dizer se o bebê vai ser do sexo masculino ou feminino) e executa a obrigatoriedade heterossexual; no lado das expectativas, todo corpo “errado” que apresenta uma dissidência do sistema sexo-gênero (Butler, 2003), ao cair no domínio público, tem sobre si uma demanda compulsória por definição ou afiliação definitiva a uma categoria de gênero, orientação ou identidade sexual.

O mais importante de toda essa discussão que envolve essa noção equivocada de oposição entre “normalidade/anormalidade” no campo esportivo (e também na vida) resume-se ao fato de que corpos *trans*, com variação intersexo e mesmo de homens ou mulheres homossexuais, implantam dúvidas nos sistemas, sejam relativas à afirmação de uma estética de sexualidade hegemônica (a heterossexual), sejam em relação à corponormatividade instituída. O que se apresenta como sintomático e interessante é justamente que os questionamentos e incertezas plantados por tais corpos abram uma discussão profícua e bem maior sobre gestão política e técnica do corpo e da sexualidade nos espaços sociais – e, inclusive, nos esportivos.

No entanto, a própria condição de existência desses sujeitos tem-se imposto como determinante no registro da história oficial. E é aí que mora um paradoxo a ser pensado: quanto maior é a visibilidade, mais preconceitos se revelam por parte de uma sociedade que ainda mostra, claramente, não estar preparada para aceitar tais sujeitos e suas participações no esporte. E se não são aceitos, obviamente, suas trajetórias são registradas de modo, no mínimo, equivocado, invisibilizando-os.

O gênero não é apenas uma ficção inventada em sociedade, como é uma fantasia imaginada (e desejada), que mistura elementos orgânicos e políticos (nos termos de Paul B. Preciado, 2014), que, cada vez mais, coloca em suspeição essa ideia de “corpo normal”, transformando-a em uma armadilha fatal. E, por isso, é elemento fundamental nas considerações também de corpos em movimento em arenas esportivas.



## Referências

ALCANTARA, Rodrigo. Douglas Souza do vôlei fala de sua orientação sexual e como começou no esporte. **BolaVip [online]**. 21.07.2021. Disponível em <https://br.bolavip.com/outrosesportes/Mauricio-Souza-avalia-saida-do-Brasil-20211102-0020.html>. Acesso em 20 ago 2021.

ANDERSON, Sheldon. **The forgotten legacy of Stella Walsh: The greatest female athlete of her time**. Lanham/Maryland: Rowman & Littlefield, 2017.

BENTO, Berenice. Apresentação. In: LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias 'travesti' e 'transexual' no discurso científico**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2011. p. 15-22.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. 1-13, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/bStFmpJKX4kKcjCcyjwxN3w/?format=html&lang=pt>. Acesso em 15 nov. 2021.

CAMARGO, Wagner X. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Estudos Feministas**, v. 26, n. 1, 2018a. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/HxGRvfHDhZ45v8JrSYxpGSM/?lang=pt>. Acesso em 11 out 2021.

CAMARGO, Wagner X. 'Beijos Olímpicos Gays' e o que dizem sobre gênero no esporte?. **LUDOPÉDIO**, São Paulo, v. 106, n. 1, 2018b. Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquivancada/beijos-olimpicos-gays-e-o-que-dizem-sobre-genero-no-esporte/>. Acesso em 04 out. 2021.

CAMARGO, Wagner X. O dia em que conheci Stella Walsh. *Ludopédio*, São Paulo, v. 94, n. 2, 02 abr. 2017a. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/o-dia-em-que-conheci-stella-walsh/>. Acesso em 03 out. 2021.

CAMARGO, Wagner X. Justin Fashanu: jogador profissional de futebol, negro e gay!. **LUDOPÉDIO**, São Paulo, v. 98, n. 6, 06 ago. 2017b. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/justin-fashanu-jogador-profissional-de-futebol-negro-e-gay/>. Acesso em 03 out. 2021.

CAMARGO, Wagner X. Esporte, Cultura e Política: a trajetória dos Gay Games nas práticas esportivas contemporâneas. **Revista USP** (impresso), v. 1, p. 97-114, 2016a.

CAMARGO, Wagner X. Dilemas Insurgentes no Esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento** (UFRGS. Impresso), v. 22, p. 1337-1350, 2016b.

CAMARGO, Wagner X; KESSLER, Cláudia S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos** (Online), v. 23, p. 191-225, 2017.

CHASSOT, Attico. **A Ciência através dos tempos**. São Paulo: Ed. Moderna, 1994.

CROSSET, Todd. Masculinity, sexuality, and the development of early modern sport. In: MESSNER, Michael; SABO, Donald. **Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives**. Champaign/Illinois, 1990. p. 45-54.

DANGELO, José G.; FATTINI, Carlo A. **Anatomia humana sistêmica e segmentar**. 3ª edição revista. São Paulo: Ed. Atheneu, 2011.





DEVIDE, Fabiano Pries. História das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. In: Fabiano P. Devide. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. Da Unijuí, 2005. p. 79-127.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber I. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRANÇA, Breno. Bicha! A homofobia no futebol como legado da Copa. **Ludopédio**. São Paulo, v. 124, n. 28, 2019. Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquivancada/bicha-a-homofobia-no-futebol-como-legado-da-copa/>. Acesso em 05 nov 2021.

GOELLNER, Silvana V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GUMBRECHT, Hans U. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record**. The Nature of Modern Sports. New York: Columbia University Press, 1978.

JESUS, Diego Santos Vieira. 'Futebol é coisa para mano, mana e mona'? A LiGay Nacional de Futebol Society. **Periódicus**. n. 10, v. 1, nov. 2018. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/26521/17159>. Acesso em 13/04/2020.

KESSLER, Cláudia S. 'SÃO TUDO SAPATÃO': Lesbianidades e heteronormatividade

no futebol/futsal brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 7, n. 3, p. 45-62, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/26962>. Acesso em 05 nov 2021.

LAGUNA, Marcelo. Caso Tiffany: 'só controle de testosterona não tira vantagem'. **Revista Veja [online]**. 24.04.2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/esporte/caso-tiffany-so-controle-de-testosterona-nao-tira-a-vantagem/>. Acesso em 01 jan. 2020.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias 'travesti' e 'transexual' no discurso científico. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2011.

LOUGANIS, Greg; MARCUS, Eric. **Breaking the Surface**. Naperville/Illinois: Sourcebooks, Inc, 1995.

MACLOON, John J. **Muscular Christianity in colonial and post-colonial worlds**. London/New York: Routledge, 2009.

McRUER, Robert. Compulsory Able-Bodiedness and Queer/Disabled Existence. In: Lennard J. Davis (ed). **The Disability Studies Reader**. 2ª ed. New York/London: Routledge, 2006. p. 88-99.

NAYA, Eduardo. O jogador de futebol Josh Cavallo torna pública sua homossexualidade. **El país** (online). 27/10/2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-10-27/o-jogador-de-futebol-josh-cavallo-torna-publica-sua-homossexualidade.html>. Acesso em 01 nov. 2021.

OFFUTT, Jason. **Helen Stephens**: The Fulton Flash. Kirsville: Truman State University Press, 2014.

Out, proud and ready to go for gold. **The Sydney Morning Herald**. 04/05/2008. Disponível em <https://www.smh.com.au/sport/out-proud-and-ready-to-go-for-gold-20080524-gdseyx.html>. Acesso em 02 out. 2021.

PIEPER, Lindsay P. **Sex testing**: Gender Policing in Women's Sports. Champaign IL: University of Illinois Press, 2016.





PIRES, Barbara Gomes. 'Integridade' e 'debilidade' como gestão das variações intersexuais no esporte de alto rendimento. In: DIAS, Maria Berenice; BARETTO, Fernanda C. Leão (org.). **Intersexo: aspectos jurídicos, internacionais, trabalhistas, registrares, médicos, psicológicos, sociais, culturais**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018. p. 557-565.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRONGER, Brian. Sex and sport. In: **The arena of masculinity: sports, homosexuality, and the meaning of sex**. New York: St Martin's, 1990. p. 177-213.

PUTNEY, Clifford. **Muscular Christianity: manhood and sports in protestant America (1880-1920)**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

RICH, Adrienne. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana. In: NAVARRO, M. STIMPSON, C. R. (Ed.). **Sexualidad, género y roles sexuales**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 159-211.

SEDGWICK, Eve K.. *A epistemologia do armário*. **Cadernos PAGU**; Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 07 out 2021.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a queer planet. **Social Text**, n. 29, p. 3-17, 1991.

